

"No meio e misturado": o moreno como identificação de cor entre estudantes de uma escola pública

5

Alan Augusto Moraes Ribeiro*

Resumo: A partir de 15 casos de discriminação racial vividos por alunos e alunas de uma escola pública do Bairro do Guamá, analiso como os distintos processos identitários com base na cor, referência de identificação étnico-racial, são construídos pelos estudantes como elementos marcadores de sua trajetória educacional. A forma de atuação da escola e a influência dos casos de racismo vividos pelos sujeitos sobre a construção desses processos de identificação aparecem em um cenário escolar marcado pela diferenciação de acesso aos meios didático-pedagógicos entre os alunos conforme o pertencimento aos três turnos letivos, nos quais a figura mítica do indígena aparece na construção de uma *morenidade*.

Palavras-chave: Escola. Identidade de cor. Moreno. Guamá.

Abstract: From fifteen cases of racial discrimination experienced by pupils and students in public schools of the district of Guamá, analyze the different processes as identity based on color, reference to ethnic-racial identity, are constructed by students as part of their careers markers education. The manner of operation of the school and the influence of cases of racism experienced by the subjects on the construction of these processes of identification appear in a school setting marked by differentiation of access to resources between teaching-learning students as belonging to three shifts school, where mythical figure appears in the indigenous construction of a *brunette*.

Keywords: School. Identity of color. Brunette. Guamá.

* Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Bolsista da Capes. *E-mail:* alanaugustoribeiro@yahoo.com.br.

Considerações iniciais: antes do texto, o contexto, em uma escola pública de Belém

Neste artigo, recupero depoimentos, observações registradas em meu caderno de anotações, bem como memórias de situações vividas e vistas por mim em meu trabalho de campo feito para minha pesquisa de graduação entre adolescentes e jovens alunos-estudantes¹ da Escola Estadual de Ensino Médio Alexandre Zacharias de Assumpção, do Bairro do Guamá, periferia do município de Belém do Pará. Durante o período letivo de 2006 e 2007, de modo intermitente, convivi na escola da qual fui aluno. Em outras palavras, retornei à escola que se situa no bairro em que resido para fazer iniciação científica na qual, outrora, fui aluno. Precisei fazer um tipo de ir e vir hermenêutico, percorrer o trajeto de um vai-e-vem interpretativo e epistemológico que penso ter realizado, a partir do que escreve Geertz (1989, p. 15-41), entre o que fui para os meus antigos professores – e alguns colegas que no Zaca² permaneciam como estudantes desde *minha época* de estudante na escola, e o que passei a ser para eles: um “universitário”, um “estagiário” e, até mesmo, um “professor”: entre o modo como me *relacionava* com eles e o jeito que *devo* vê-los agora, impõem-se conceitos e teorias antropológicas como referenciais de análise que não posso preterir.

Aqui focalizarei as distintas representações acerca do que se define como escola para alguns alunos, o que cada estudante demanda da instituição que é vivida como espaço de sociabilidade privilegiado para cada um, os quais, no contexto de minhas incursões ao referido espaço, também se identificavam a partir do horário em que estudavam na escola, conforme permanência nos três turnos oficiais³ letivos, bem como o pertencimento racial construído com base em critérios de classificação e na cor.⁴ Revisito aqui estórias e experiências vividas diante do que não é

¹ *Aluno* ou *estudante* será a nomeação por meio da qual farei referência aos adolescentes e jovens que escutei, vi e com quem convivi na escola. Sem distinções para eles (e/ou para mim), ambos os termos são usados por eles, bem como pelos professores e pela diretoria e secretaria para realizar identificações recíprocas.

² *Zaca* e o modo nominal reduzido com o qual os estudantes, sobretudo, se referem à escola, como diminuição de Zacharias, e com o qual me referirei à escola neste texto.

³ As escolas públicas de Ensino Médio do Município de Belém do Pará funcionam em três turnos letivos distintos: manhã, tarde e noite. Oficialmente, conforme a LDB 9.394/1996, a oferta de vagas e de turmas, bem como as séries ou etapas de progressão devem obedecer à demanda de procura dos alunos.

⁴ Adotando a perspectiva sociológica que concebe a noção de cor como uma categoria de classificação racial que é sempre informada pela ideia de raça, cuja presença na elaboração dessa categoria



dito como oficial na escola (CAVALLEIRO, 2003, p. 101), mas que se vivencia e se “*experiencia*” diariamente nela.

Este texto apresenta, resumidamente, a discussão que venho desenvolvendo acerca da temática que posso denominar como processos identitários segundo um sistema de classificação de cor (PINTO, 1998, p. 3-5), lançando mão de análise antropológica sobre a questão da identidade social para pensar o moreno como categoria social abrangente no contexto da Amazônia, a partir de uma análise com o ponto de partida na escola, sobre depoimentos de alunos de uma escola pública que viveram experiências de racismo, especificamente ofensas raciais verbais, na escola anteriormente citada. As falas destacadas por mim são todas identificadas com nomes fictícios. Quando não citadas isoladamente, estão presentes dentro do texto interpretativo, entre aspas e/ou em itálico para serem destacadas.

No meio e misturado: o moreno entre os alunos do Zaca

A morena e o moreno, como categorias sociorraciais, portadoras de sentidos peculiares entre os estudantes do Zaca, são permeadas por lógicas culturais e formas de sociabilidade pelas quais perpassam alguns valores identitários específicos. Há um caráter de razoabilidade – “moreno é razoável” – que torna tais atributos portadores de sentidos variados. Assim, é no(a) “moreno(a)” que o “pardo” ganha força e vários tons de pele. O primeiro fomenta a existência do segundo e ganha o estatuto de cor ao dissolver, assim, seu caráter intermediário, ganhando identidades sociorraciais. O(a) moreno(a) dificulta a visualização e explicitação do racismo à brasileira. (DAMATTA, 1987, p. 62). Ser moreno é, sobretudo, não usar o preto, não usar o negro.

Segundo Conrado (2007),⁵ a classificação segundo a cor é um interdito social no contexto de Belém, isto é, quando escapa de branco,

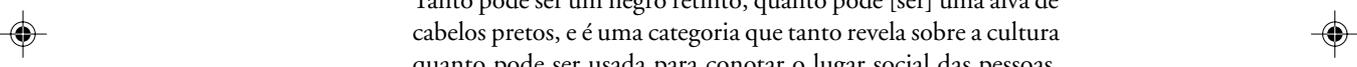
aparece sob a forma de uma ideologia racial, mesmo que não enunciada e explícita (GUIMARÃES, 1999, p. 42-43), assinala que essa ideologia racial atua na atribuição de significados múltiplos para a identificação da cor dos sujeitos, exercendo algum tipo de influxo nos mecanismos de classificação dentro dos grupos de cor. *Isto é, as pessoas têm cor apenas no interior de ideologias raciais.* (p. 44).

⁵ Em palestra proferida no Dia Nacional de Combate ao Racismo, organizada pelo Grupo de Estudos Afro-Amazonianos (Geam), sob o tema “Racismo e Ações Afirmativas na UFPA” – Julho de 2007, a Prof^ª. Dr^ª. Mônica Prates Conrado, do Laboratório de Antropologia da UFPA fez referência às questões levantadas pelos participantes que perguntavam como se poderiam realizar definições incontestáveis sobre a cor de uma pessoa.



como diz o ditado: “preto é”. Para essa autora, se autotclassificar ou imputar a alguém qualquer tonalidade de cor que escape do branco é correr o risco de escurecê-la, segundo o lugar social em que se encontra o indivíduo. Ser preto ou ser chamado *preto* causa depreciação em sentido absoluto. Preto ou negro é xingamento em muitos contextos, pois imprime uma marca indelével, sem possibilidade de se enquadrar como uma categoria relacional e contextual.

Para Maggie (1998, p. 209), o moreno é um termo instigante. Ele parece representar uma válvula de escape presente na análise das relações raciais no Brasil, quando define o mestiço como a solução brasileira diante do conflito racial aberto e violento que acontece nos Estados Unidos ao mesmo tempo que revela muito pouco sobre a cor do entrevistado. Faz indicações acerca da questão racial dos sujeitos e pode ser, também, uma chave para se discutir cor e raça sem falar sobre cor e raça.



Moreno contém em si mesmo tanto cor como ausência de cor. Tanto pode ser um negro retinto, quanto pode [ser] uma alva de cabelos pretos, e é uma categoria que tanto revela sobre a cultura quanto pode ser usada para conotar o lugar social das pessoas. Moreno contém em si o gradiente, a oposição negro/branco e a oposição preto/branco. Ela é a categoria que por excelência fala do nosso modo particular cotidiano de falar nas raças e nas oposições, sem falar delas. (MAGGIE, 1998, p. 211).

Em nossa pesquisa, o moreno e a morena informaram mais do que a cor do entrevistado, como já apresentei antes. Nas duas primeiras entrevistas realizadas com Aline e Renata e, posteriormente, com os(as) outros(as) cinco estudantes, o moreno apareceu durante toda a entrevista, sobretudo quando lhes perguntei se elas já haviam sido vítimas de racismo. Elas disseram que de racismo não, mas de discriminação sim, palavra usada várias vezes sem o complemento racial.

É eu acho que não é preto! Assim do jeito que se fala não é não, porque eu não acho que sou preta. Acho que se podia “falá” uma palavra menos forte porque morena é uma pessoa bonita, assim razoável. É assim um pessoa escura que não é negra, mas tem uma beleza. (ALINE, 17 anos).



A ideia de evitação dos termos *preta* e *negra* atrela-se a um sentido de atenuação que ambos os vocábulos possuem para Aline. *Preto* é uma palavra “forte”, isto é, oposta a pessoa bonita que é representada pela morena. Menos forte é possuir um padrão de razoabilidade que é atribuído ao moreno, imputando-lhe uma distância considerável com relação ao preto, pois mesmo que aos estudantes, *negro* e *preto* sejam vistos e determinados como sinônimos, o termo *preto* é muito mais ofensivo que o termo *negro*.

Olha, a morena é uma pessoa que *não é escura*, e *não é clara*, é uma cor *razoável*. E eu me acho *morena-clara*, eu me acho *clara*, me acham morena. Moreno é assim oh... perai... é pra não dizer negro ou preta porque tem uma diferença assim né, porque tira a negra e bota a morena entendeu. (RENATA, 18 anos).

Substituição, eufemização (perífrase) e atenuação se conjugam com o sentido de evitação e desvio do uso do termo *morena* presente na fala de Renata. Para ela morena é também uma cor razoável, porque não é escura nem é clara. Ela é usada para substituir negra, para “*botar*” no lugar dela. O termo razoável é repetido por Renata muito mais como uma concordância do que como um pensamento recorrente. Renata parece repetir a ideia de Aline não apenas por meio do razoável, mas também pela noção de distanciamento que “*morena*” carrega via noção de razoabilidade.

A pele do negro é bem mais escura e o negro é mais discriminado, não tem como discriminar a morena porque a pele é *menos escurinha*, e os cabelos são assim: é ondulado, o cabelo do negro é carapinho. Carapinha é aquele tipo de cabelo assim que é todo enroladinho, bem mesmo assim. (MARIA, 18 anos).

As entrevistas dessas três alunas foram o ponto de partida para as minhas incursões em direção aos contatos, com outros alunos e alunas, que pude manter e trocar informações. A morena para Aline é bonita e razoável, mas que tem uma beleza. Ela deve ser vista em oposição à cor preta com conteúdo semântico carregado, isto é, “*menos forte*”. Todas as descrições de moreno(a) expostas a seguir foram registradas pelos próprios estudantes, durante a oficina temática. As conversas e trocas de brincadeiras entre os alunos participantes foi constante durante a oficina,

o que pode ter influenciado as próprias definições sobre a categoria moreno(a).

Eu sou negro, mas sou mais moreno que um negro assim escuro que tem a pele da mão que não é branca. Uma pessoa que é *moreno* tem um índio na família, porque no Brasil todos daqui têm um índio, um negro e um de branco. Por isso que tem caboclo, mulato e mameluco na gente. Todos são iguais, eu acho que não tinha que ter discriminação entre as pessoas do mundo. (EWERTON, 17 anos).

As terminologias de cor apresentadas pelas alunas e pelos alunos podem, então, ser discutidas com referência àquele emaranhado da semântica cultural das palavras que usamos (SHERIFF, 2002, p. 202) também para definir a própria identidade com base na cor fenotipicamente elaborada. Esses significados, que em face do ambiente visual interno do lugar, no qual estão presentes diversos quadros e pinturas de “índios” nas paredes da escola e no conteúdo dos trabalhos pedagógicos que alguns professores pedem aos alunos do 1º ano sobre o Dia do Índio, são também construídos *na* e *pela* instituição escolar.

O(a) moreno(a) parece evidenciar um esforço semântico com base na qual se expressa um processo identitário que é usado e significado como próximo do negro e distante do branco, descartando a autoidentificação *negro* e *preto* e, ao mesmo tempo, distanciando-se da autoidentificação *branco*. Trocando em miúdos: esse uso do moreno(a) é interpretado como um esforço de afastamento do polo negro e não necessariamente de aproximação, por conseguinte, do polo branco. Isso posto, parece que o processo de embranquecimento ou branqueamento por meio do uso de moreno(a) dos alunos e alunas, que é elaborado dentro de um gradiente que gira em torno do polo preto/negro, pode ser interpretado de maneira parcial. Há branqueamento, mas ele se dá através da eliminação da ideia de negritude.

Ao mesmo tempo, o(a) moreno(a) pode ser percebido(a) como uma emanção sutil de preconceito em si mesmo. Isto é, o moreno usado pelos alunos entrevistados é *per si* uma forma de racismo, ele pode articular consigo uma modalidade de preconceito racial que se dá no movimento de negação de si, de transformação de si em outro, de tornar-se um outro, uma outra, que evita aquele e aquela que são discriminados, vítimas de ofensa e injúria racial. O moreno já é preconceito sem se conceber como tal, na medida em que demonstra uma autoevitação dos



estudantes entrevistados que não querem ser o que os outros dizem (via ofensa racial) que eles e elas são: negros(as) e pretos(as).

Por conseguinte, esse branqueamento indica-nos, também, uma forma peculiar de significação no contexto observado, que pode ser interpretado muito mais como um *distanciamento* do que como uma aproximação. Em termos sucintos: o(a) moreno(a) serve mais para se afastar do polo preto do que para se aproximar do polo branco.

O termo moreno(a), na pesquisa de Sansone (2003, p. 86), aparece como uma “palavra guarda-chuva” para definir uma estética não branca pelos sujeitos. Moreno(a) indica distanciamento de terminologias não negras. Entre os estudantes do Zaca, essa identificação é realizada em torno de um contexto específico e individualizado que lhes é comum: se declararam vítimas de preconceito ou discriminação dentro de uma escola que é considerada a melhor escolha pública do Bairro do Guamá.

Morena é uma mulher clarinha, só um pouquinho, não é branca, é uma mulata. Morena é uma mulata de carnaval, tem um corpão e de pele frágil. O negro tem um corpão, e a morena fica entre os dois, o ser humano que é branco e o ser humano que é negro. (ROSEMEIRE, 16 anos).

No caso das alunas com quem conversei e que me forneceram tais definições de moreno, os usos e significados dessa cor podem ser interpretados, dentro do contexto observado, como um vocábulo de evitação da autoidentificação negra e/ou preta, ambas representadas pelas alunas e pelos alunos como referências identitárias portadoras de uma semântica socialmente depreciativa e presente no interior da escola, as quais são expressas e definidas com base nas diferentes percepções que os(as) alunos(as) da escola possuem sobre o tipo de cabelo, traços faciais, corporais, e tonalidade da pele.

O que salta aos olhos nessas construções do(a) moreno(a) dentro da escola é a referência de comparação centrada nos termos *negro* e *preto*, ou seja, a categoria moreno(a) é elaborada com relação a outras construções: o negro, o escuro e o preto. Eles se apresentam sob os estereótipos do escravo, que sempre trabalha arduamente, cuja referência é o passado escravocrata do País, imagem possivelmente oriunda dos estudos na disciplina de História, da mulata, a mulher negra bonita, com belas feições, com corpo esteticamente sensual, de curvas



arredondadas da doméstica, cujo desprestígio social é expresso pelos alunos, invisibilizada, etc.

Sobre os modos de uso do *moreno*, a abordagem quantitativa apresentada por Silva (1999, p. 32) demonstra que a tese que considera a preferência pela denominação *morena* entre os brasileiros como decorrência de uma carga semântica negativa atribuída ao termo *pardo* somente seria plausível se, mesmo indivíduos fenotipicamente brancos não preferissem se autodenominar *morenos*, sobretudo porque, segundo esse autor, “a preferência pela morenidade parece ter um escopo maior do que uma simples rejeição ao termo pardo”. (p. 37). Ou seja, o uso da denominação *moreno* é uma “preferência identitária” e aceitação do *moreno* pelos fenotipicamente classificáveis como brancos e negros.

A abordagem que localiza o uso do(a) *moreno(a)* como uma terminologia marcadamente imprecisa e ambígua, que atenua a negatividade de sentido atribuída aos termos *preto*, *negro* e *Paraíba*, considera ao mesmo tempo que *moreno* está situado entre o elemento *branco* e o *preto* e representa, na escala de cor estabelecida pelo grupo pesquisado, “uma proximidade maior com o branco e, por isso, muitas vezes implique uma ambigüidade positiva, isso se entendermos o pólo branco como o pólo socialmente positivo entre os moradores do Alarico”. (PACHECO, 1983, p. 31). Dentro do caráter relacional das atribuições de cor, acionadas pelos indivíduos em suas relações cotidianas, a intencionalidade do uso de *moreno*, conforme essa autora, consistia em se aproximar semanticamente do termo *branco*.

Em nosso trabalho, o atributo *moreno(a)* expresso pelos alunos e pelas alunas *não* significou uma tentativa de aproximação com o polo branco. Significou, do outro lado da escala, distanciamento do polo negro/preto. Em outros termos, a construção da cor *morena* e da *morenidade* como um tipo de enunciado identitário (AGIER, 2001, p. 11) com base na cor, foi elaborada com o objetivo de evitar os termos *negro* e *preto*, mas não necessariamente aproximar-se do polo branco.

Moreno é razoável, e preto é mais escuro, tem preto que é pretão, moreno é mais claro. Olha, é um exemplo assim: tem maior diferença entre uma pessoa que é morena e uma branca do que uma que é morena e uma pessoa negra. (RENATA, 19 anos).

Morena mistura branco e negro, o cabelo é mais soltinho, é mais clarinho. A morena é menos pretinha, negro é mais escuro e negro é quase azul tem a palma da mão do negro é roxa, é meio roxa. Tem



maior diferença entre morena e branca do que morena e escura, uma pessoa preta. (MARIA, 18 anos).

Moreno é mais escuro que branco e menos escuro que negro... Uma pessoa negra é o contrário de uma pessoa branquinha... Eu sou morena que *tá no meio dos dois*, porque eu tenho um avô que é *índio mesmo!* Minha mãe é morena... E o meu pai... Olha... Eu acho que é branco... Ele é *mais claro* que a mamãe, porque ele é neto de índio lá de Santarém. (NÚBIA, 19 anos).

Tais diferenciações entre as construções de *negra* e de *preta* (vistas pelas estudantes como termos similares, como expliquei antes), branca e morena – “*tem maior diferença entre uma pessoa que é morena e uma branca do que uma que é morena e uma pessoa negra*”; “*Tem maior diferença entre morena e branca do que morena e escura*” – em termos de distância, podem sugerir uma particularidade local da maneira como a categoria moreno(a) é acionada nas relações entre os(as) estudantes.

O(a) moreno(a) pode ser interpretado como um desses vocábulos de cor que instrumentalizam esse esforço de classificação racial que apresenta um uso descritivo, mas também taxonômico peculiar no contexto observado nesta pesquisa, que toma por base traços fenotípicos como: 1) traços labiais; 2) cor e tipo de cabelo; 3) tipo de nariz, mas, sobretudo, considera como mais importante a pigmentação da pele na construção da categoria *moreno*. Assim, conforme o tipo de cabelo, pode haver referência ao caboclo, cujos cabelos lisos e pele escura fazem-no migrar para o(a) moreno(a). Entretanto, há uma ordem hierárquica de relevância desses traços entre os estudantes, a qual vê os lábios finos como mais atraentes, embora os lábios grossos sejam mais desejados. O “nariz afinado” como um traço de beleza em detrimento do “nariz alongado” que é visto como “feio” esteticamente e marcado racialmente.

A negra tem cabelo carapinha, lábios carnudos, bundão, bocão... A morena tem cabelo liso... Mais tem bundão também, lábios “grande”... E tem cabelo carapinha às vezes, mais ela alisa... A morena é mais clarinha, tem pele assim mais clarinha, mais branquinha, né? (ELINALVA, 17 anos).



Ora, se a percepção da cor e a consequente classificação social em termos raciais com base nessa percepção podem ser também influenciadas por características locais, regionais, onde se dinamizam as relações sociais em discussão, parece que o vocabulário usado na Região Norte, na periferia da cidade de Belém, em uma escola pública localizada no Bairro do Guamá, pode resultar da maneira específica que os sujeitos dessa cidade percebem a cor em suas relações, expressando tal percepção em uma variedade de termos que possibilitam, ao mesmo tempo, a criação de vocábulos também específicos, isso se considerarmos a categoria moreno(a) como um desses vocábulos que possui sentidos e usos construídos dentro de contextos regionalmente específicos. (PINTO, 1998, p. 26).



Eu acho que sou morena porque a minha família tem uma parte de índio, uma parte de negro e de caboclo do Marajó, porque a minha mãe veio do Marajó, e ela é filha de branco, e o meu pai disse uma vez que ele teve um avô que ainda foi escravo... Eu puxei mais pra essa parte do índio mesmo, porque eu sou moreninha, porque mais por causa do índio que é uma parte lá do pessoal de casa... até porque eu acho que uma pessoa morena não sofre de preconceito viu, porque eu não entendi e até o meu tio me falou que eu não podia ser discriminada, porque eu tenho uma pele mais clarinha, assim moreninha, e a discriminação é uma coisa que não tem sentido! Eu não entendo, é uma coisa sem lógica, *é uma discriminação contra pessoas mais morenas*, assim de cor negra... preta como diz. (ELINALVA, 18 anos).



Um outro sentido que pode ser apreendido do uso de *moreno* é o de ser um apontador em torno do qual ser mais moreno do que um “moreno propriamente dito” é/pode ser negro ou preto. Moreno, então, apresenta-se como uma referência com relação à qual se pode classificar quem é *negro*, quem é *preto* e quem pode ser *moreno*, estritamente moreno, que é distinto de preto e negro. Assim, um negro é mais moreno do que um moreno; uma morena é um pouco clara, e um branco não tem nada de moreno. Ao mesmo tempo, moreno(a) se legitima enquanto tal com base na hipodescendência de índios.

Referências

AGIER, Michel. Distúrbios identitários em tempos de globalização. *Revista Mana*, São Paulo, n. 7, v. 2, p. 7-33, 2003.

CAVALLEIRO, Eliane. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação racial na Educação Infantil*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

DAMATTA, Roberto. Digressão: a fábula das Três Raças ou o problema do racismo à brasileira. In: DAMATA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987. p. 58-85.

GERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas: uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio A. *Racismo e anti-racismo no Brasil*. São Paulo: Editora 34, 1999.

MAGGIE, Yvone. Aqueles a quem foi negada a cor do dia: as categorias de cor e raça na cultura brasileira. In: MAIO, Marcos C.; SANTOS, Ricardo V. (Org.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz; Centro Cultural Banco do Brasil, 1998.

PACHECO, Moema de Teixeira P. *Família e identidade racial: os limites da cor nas relações e representações de um grupo de baixa renda*. Dissertação (Mestrado) – UFRJ, Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1986.

PINTO, Regina Pahim. Os problemas subjacentes ao processo de classificação da cor na população do Brasil. In: ROSEMBERG, Fúlvia; PINTO, Regina P.; OLIVEIRA, Eliana de; PIZA, Edith O(Orgs.). *A classificação da cor no Brasil*. XXI ANPOCS. Rio de Janeiro: Fundação IBGE, 1996 (Textos para discussão, v. 8). 1998.

SANSONE, Lívio. *Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil*. Bahia: Edufba, 2003.

SHERIFF, Robin E. Como os senhores chamavam os escravos: discursos sobre cor, raça e racismo num morro carioca. In: MAGGIE, Ivone; BARCELOS, Cláudia Rezende (Org.). *Raça como retórica: a construção da diferença*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

SILVA, Nelson do Valle e. Morenidade: modos de usar. *Cadernos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro: Fundação Joaquim Nabuco, 1999.

Recebido em agosto de 2009 e aprovado em outubro de 2009.